

AGRADECIMENTO

AOS

PERNAMBUCANOS

POR

JOAQUIM NABUCO

AGRADECIMENTO

AOS

PERNAMBUCANOS

POR

JOAQUIM NABUCO



PREFACIO



E'INTENÇÃO minha, quando algum acontecimento me obrigar a manifestar-me sobre as coisas politicas do nosso paiz, fazel-o por meio de cartas aos meus Comprovincianos. E'-me impossivel pensar e sentir a respeito do Brazil senão como Pernambucano. Tenho inteira consciencia de que esse é o meu ponto de vista constante em politica desde 1884, isto é, desde o anno em que os germens do patriotismo Pernambucano, deixados em minha organização moral pelo nascimento, pelas reminiscencias da infancia, e pelas maiores gratidões de minha vida, desabrocharam na idade madura, ao calor da sympathia popular, do contacto com o infortunio e a decadencia da terra natal.

Com a federação eu imaginava principalmente que se podia deter no caminho da sua despeza desordenada a centralização fluminense e d'esse modo reservar para o nosso desenvolvimento provincial, para a conservação de nossa vida propria uma parte dos nossos recursos. Sabe-se o que a republica fez da federação como barreira ao augmento progressivo da despeza geral. Ella obrigou a nação a uma divida para com os seus protegidos ou protectores que a tornará insolvavel a menos que o ultimo vintem dos Estados seja consumido em pagamento da divida nacional preferente. Não ha um vintem d'essas emissões beneficiarias que não tenha sob as formas de cambio, novos impostos, carestia dos preços, que ser paga *em oiro* pelos consumidores Brasileiros aos felizes donatarios das economias nacionaes.

O effeito da chamada — federação republicana — foi assim o contrario do que os federalistas-autonomistas tinham em vista: a diminuição da divida geral e do tributo das Provincias para com o centro.

Eu lastimo a attitude suicida da actual geração, arrastada por uma allucinação verbal, a de uma palavra — *republica*, desacreditada perante o mundo inteiro quando a acompanha o qualificativo — *Sul Americana*. Não pretendo escrever Lamentações nem Prophecias, mas sómente dar aos que continuam a manifestar-me a mesma confiança as razões que me impedem de partilhar a sua illusão.

J. N.

AGRADECIMENTO AOS PERNAMBUCANOS

A CABO de ver o resultado final da eleição para o Congresso do Rio e venho agradecer-vos a elevada votação que espontaneamente me destes e que para mim augmenta de valor considerando por um lado a massa das abstenções e por outro o processo da leitura das cédulas.

Quando uma Camara é eleita nas condições em que foi a actual pode-se applicar-lhe a phrase de Sagasta : “ Esta Camara estava deshonrada antes de nascer.” Por isto ninguem se admirou de a ver pedir ao Governo que a tratasse como se ella não existisse.

Mesmo sob o rigor do despotismo militar collocastes o meu nome em diversas seccões da Capital no primeiro logar da lista.

Essa insistencia em não me dispensar do serviço da causa Pernambucana, apezar de conhecerdes a minha convicção monarchica, é para mim a melhor prova de que vedes claramente a posição inferior e subalterna a que revolução Sulista de 15 de Novembro reduziu o Norte.

Os republicanos de convicção hão de agora admittir que a sorte, o progresso, a vida de Pernambuco depende da effectuação de sua autonomia e não de cobrir a cabeça da centralização Fluminense com a barretina phrygia em vez da corôa.

A revulsão de 15 de Novembro que fez vir á face da sociedade os mais extraordinarios elementos representativos, a estranha selecção que formou o partido dominante com o que os antigos partidos tinham de menos aproveitavel, a ostentação com que todos os principios, todos os escrupulos, todas as salva-guardas moraes estão sendo convertidos em incenso ao Militarismo Industrial, tudo isto vos ha de parecer um triste espectaculo. Lembrai-vos porem que não é no primeiro acto que se desenvolve a tragedia : no primeiro acto apenas são semeadas na alma dos actores as paixões intransigentes que se esgotam na catastrophe final.

A vossa generosidade impoz-me a obrigação de examinar ainda uma vez só com a minha gratidão o procedimento que devia ter comvosco. Esse dever era tanto mais urgente quanto o Governo Provisorio mandou reproduzir na eleição dos congressos dos Estados o grosseiro simulacro de 15 de Setembro. O unico serviço porem que eu em consciencia acredito poder prestar-vos n'este momento com relação á republica é dizer-vos : “ Por ahi não ha passagem para nenhuma de nossas aspirações ; ides perder-vos como o resto da America Latina n'um labyrintho de governos pessoaes, na região do perpetuo despotismo ; renunciáis a civilização a que attingimos ; preparais para vossos filhos um futuro de desespero, que os obrigará a quebrar em pedaços a cadeia de miseria com que na sua breve decadencia a Republica Cafesista e Militar do Rio de Janeiro ha de prender o Norte ao Sul.”

UM CRUZAMENTO HYBRIDO.

Reflecti um momento sobre o caracter d'essa republica : ella resultou de um dos mais viciosos cruzamentos de que a historia faça menção, o da Escravidão com o Pretorianismo.

Qual dos dois traços hereditarios suppondes que prevalecerá n'ella ?

A classe militar por si só não tem pessoal para governar, precisa apoiar-se em um ou mais partidos, e é a formação d'esses partidos, os quaes lhe proporcionarão todas as vantagens para ella por sua vez os satisfazer, que envolve o futuro predominio do traço escravista sobre o militar na feição social da republica.

Estranho como pareça, a verdade é que o escravismo é um espirito que antes e depois de 15 de Novembrò emigrou das fazendas para a praça. Onde menos se acharia o escravismo hoje seria entre os antigos proprietarios territoriaes que limitaram á cultura do solo a sua vocação industrial. O escravismo transformou-se em industrialismo de Bolsa, em accionismo, debenturismo e proteccionismo *à outrance*. Ao lado do que esse systema póde e ha de custar á nação, a julgar pela Republica Argentina, seria uma quantidade negativa qualquer lucro individual do exercito.

Entre o governo militar e o financialismo eu prefiro mil vezes o primeiro. Nem tiveram outro sentido, alem do receio pela unidade nacional, as palavras da minha *Resposta ás Mensagens* do Recife e Nazareth em que eu pedia aos militares que não "abdicassem a sua responsabilidade em nenhuma classe." Eu manifestava assim a esperança de que a vocação militar, desinteressada e patriotica, servisse de defesa ao patrimonio nacional, e á pobreza do nosso contribuinte. Confesso que eu estava longe de calcular então o grau de indifferentismo financeiro dos representantes da classe militar no governo. Da alliança passiva do militarismo com a especulação resulto una pratica um pretorianismo *bursatil*, o *humus* ideal da nova "industria." Tambem em menos de um anno o governo fez doação a particulares sem autorização, discussão nem fiscalização, sob a forma de emissões, garantias de juros, terras publicas, indemnisações e isenção de impostos, de uma somma superior ao que nos custou a guerra do Paraguay.

Quando o actual poder militar se decompuzer, pelas ambições infalliveis em todo regimen pretoriano, pela adulteração da vocação militar em contacto com o mercenarismo politico, e pelos desgostos, injustiças e resentimentos de um governo que foi sempre o peor de todos para o militar de indole e disciplina, n'esse dia é que o Brazil ver-se ha a braços com a verdadeira revolução de 15 de Novembro. Então, o *caudilhismo civil*, para me servir de uma expressão do general Mitre, apanhando aqui e alli troços de um exercito gasto pela impopularidade e pelo despotismo, e jogando com as suas ambições e rivalidades pessoases, ha de impor á nossa patria esphacelada a evolução completa do Flibusterismo.

A REPUBLICAS NÃO SE REFORMAM.

Eu pelo menos tenho essa convicção : que o caracter militar da republica se apagará com a degeneração da virtude militar e nós dentro de curto tempo estaremos entregues á mesma pirataria politica, que arruinou em poucos annos a esplendida região Argentina.

Ha ainda quem espere que a republica desenvolverá um caracter proprio, independente das tendencias e instinctos dos dois elementos que a produziram antes de tempo.

Não foi o escravismo, nem o militarismo, podem elles dizer, que crearam a aspiração republicana, phenomeno todo de sympathia com a legenda do Continente. O resentimento escravista e a ambição militar serviram-se da aspiração republicana para os seus fins, mas assim como não a crearam, tambem não a hão de assimilar por ser ella refractaria a ambos."

Eu sympathiso cordialmente com esses republicanos que sonhavam e sonham *outra* republica, influenciada pelo seu ideal. Mas, mesmo d'esse ponto de vista, o unico meio de termos um dia a *outra* republica, seria destruir a que temos. E'inutil euxtartar n'esta um galho do bom tronco; muito menos querer regeneral-a, incitando-a a collocar acima de instinctos irrepresiveis uma consciencia que ella não tem.

A experiencia da historia serviu ao D^or. Döllinger para formular a lei de que as republicas não têm o poder de reformar-se. Vale a pena repetir a observação que elle faz, porque não será esquecida por nenhum espirito reflectido.

"Quando a corrupção da republica Romana tocou ao seu ultimo limite, diz elle, todos os juizes intelligentes reconheceram a incapacidade da republica para se corrigir por si mesma e a necessidade inevitavel da monarchia. Assim aconteceu com a Republica Polaca, e assim tambem com a Republica Francaza sob o Directorio. Se os Estados-Unidos da America do Norte tivessem um chefe monarchico em 1862, em vez de um presidente eleito por poucos annos, teria sido possivel dar uma solução pacifica ao problema da escravidão, no qual a União se havia scindido, e ter evitado uma guerra civil sanguinolenta, cujas feridas estão longe de cicatrizadas."

Eu espero ver primeiro alguma republica da America do Sul livre da sua gangrena para então começar a ter esperança na virtude curativa do ideal republicano. O que me parece é que esse ideal é o primeiro a soffrer a acção deleteria do ambiente, em vez de purifical-o. Não creio que haja muito ideal republicano, de character pratico, activo, reformador, nas republicas Sul-Americanas; o que impera na consciencia de quasi todos esses doentes graves da superstição republicana, é uma especie de fatalismo imbecil, a adaptação lethargica do povo ao regimen. Quando vier a reforma só encontrará um esqueleto para melhorar.

CONSEQUENCIAS PARA O NORTE.

Nominalmente elevadas á categoria de Estados, as provincias hão de ter saudades da sua antiga vida propria. A Federação que hoje existe é apenas uma federação de guarnições. São ellas que fazem e desfazem os governos, timidamente ainda, porque a classe se mantem unida, mas em caminho para maior independencia de acção. Os governadores não sabem como agradecer ao ministro da fazenda os beneficios que este confere aos Estados. Elles recebem esses actos como esmolos, e pela sua linguagem parece que o ministro as faz do seu bolso. A vida publica está reduzida a um desafio de adulação.

Como esperar que os Estados tenham alguma autonomia, e que se possa reproduzir n'elles o facto da America do Norte, onde o Presidente teria tanto poder para aprear um Governador como tem para nomear um cardeal, em vez da praxe da Argentina, onde o Governador duvidoso é liquidado summariamente por uma ordem do quartel vizinho em quanto não é officialmente amortalhado n'um decreto de *intervencion*?

Basta reflectir que a revolução de 15 de Novembro foi a revolução da Capital, a revolução do Militarismo, e a revolução da Escravidão, para se ver que ella foi tres vezes uma revolução Centralista.

E'impossivel que não calculeis as consequencias de um tal systema para o Norte.

O Norte depois de 15 de Novembro não perdeu somente a importancia que sempre conservou sob o Imperio, perdeu tambem a protecção que a monarchia lhe havia de dar quando pela força das coisas a centralização o tivesse inteiramente prostrado.

Era da indole de nossa monarchia proteger os fracos e do seu interesse crear um apoio no Brazil Equatorial. A differença de condição das duas regiões podia sem injustiça para o Sul ser suavizada por um poder nacional como a monarchia, independente de syndicatos financeiros. Sob a republica Sulista, porem, o Norte não tem para quem appellar, os seus representantes têm que ser meros caudatarios do monopolio fluminense, têm litteralmente que esmolar do ministro da fazenda favores que não prejudiquem os interesses dos arrematantes do Thesouro.

Dar se ha mais ou menos o mesmo que entre a Republica Argentina e as provincias. Durante os primeiros annos, os das vaccas gordas de papel, a centralização fluminense pelos seus banqueiros ha de jogar nas praças da Europa com os recursos e o credito artificialmente alimentado d'esses infelizes Estados; quando os deficits, porem, tiverem esgotado o credito nacional, como aconteceu com a Argentina, a chamada Nação abandonará os Estados, como alli abandonou as provincias, com um triste—"Deus o favoreça!"

A ALTERNATIVA MONARCHICA.

Pensando assim eu não posso senão pedir-vos que não fecheis os vossos espiritos á razão, abandonando por um mero preconceito a nossa tradição organica.

Como quer que seja, não fará mal a ninguem, antes servirá de preservativo contra a superstição republicana, habituar o espirito á idéa de que se a actual experiencia resultar em intoleravel despotismo, pelo proprio testemunho dos republicanos sinceros, o Brazil tem por sua historia e suas sympathias o que não teve o resto da America, uma alternativa a que recorrer.

Logo depois de 15 de Novembro ouviu se uma especie de côro de antigos monarchistas repetindo a phrase de Pombal: "E' preciso enterrar os mortos e cuidar dos vivos." Nenhum entretanto disse que devessemos abandonar a monarchia porque a republica daria certamente ao paiz um governo de melhores homens do que elles; elles aconselhavam que a abandonassemos, com plena convicção de que ella era o melhor governo, porque lhes parecia impossivel restaural-a. Nenhum perguntou a si mesmo se não era essa sua adhesão immediata que ia crear no paiz a idéa de que a restauração era impossivel. A verdade é que foram os palinodistas que formaram a opinião que presumiam. Cada um abandonava a monarchia com medo de ficar só.

Quando se examina porem essa impressão de panico vê-se que ella tem a consistencia da astronomia Abyssiunia. Desde que o sol se esconde nós acreditamos que elle não se levanta mais; como as aves, tomamos o eclipse por uma noite precipitada. Tal disposição de espirito não deixa os politicos mais eminentes terem outras convicções senão os proprios acontecimentos. A ordem estavel do mundo, a regularidade das estações, devia inspirar-nos maior confiança. Somos o desanimo em acção. Não contamos com o imprevisto, com a inconstancia do nosso temperamento, com a divergencia dos interesses, com os antagonismos da ambição, e mil outras causas de instabilidade politica permanente em organizações sociaes desequilibradas. O que faziamos hontem com a monarchia fazemos hoje com a republica. Os mesmos que não a julgavam possivel na vespera declaram-n'a eterna. Eu francamente não vejo porque.

Se applicarmos ao nosso paiz a experiencia dos outros, o que se tem visto é que a

republica não vinga da primeira vez, e também que os exercitos que fazem as revoluções fazem depois as restaurações.

Eu não tenho nenhuma razão para affirmar que a monarchia será um dia restabelecida, mas os que affirmam que ella nunca o ha de ser, sabem tanto como eu. A unica razão, razão de desespero, que se dá para negar a possibilidade da volta da monarchia costuma ser formulada assim: "Ainda se o Brazil não estivesse na America!"

E o que tem isso? Chegará por acaso a America a exigir que o Brazil commetta todas as baixezas do despotismo, passe pela bancarrota e viva em guerra civil, somente para não quebrar a chamada "unidade republicana do Novo-Mundo"? Exigirá ella que sejamos muitas republicas para não sermos uma só monarchia?

Os Estados-Unidos com o seu senso pratico proclamariam amanhã a monarchia se tivessem o mais leve receio de que a corrupção republicana os reduziria ao typo de qualquer outra republica do Continente.

Nós não teriamos que considerar, como o Mexico, "a doutrina de Monroe," porque a monarchia não pode ser restaurada no Brazil senão por um movimento nacional espontaneo. Nem teriamos que chamar um principe Europeu, mas somente que abrir as portas da patria á primeira familia Brasileira.

As nações Americanas comprehenderiam, se nós restabelecemos a monarchia, que o faziamos para livrar-nos do militarismo, que ha quasi um seculo as conserva em estado permanente, não de sitio, mas de saque, e do financialismo que as envolve nas praças da Europa em verdadeiros roubos internacionaes. Para pôr termo ao escandaloso desgoverno da America Latina seria preciso uma liga dos povos, da America liberal e honesta, contra a sua anarchia governante, e para essa liga é que nós entraríamos restaurando a forma monarchica, isto é, o nosso governo representativo e civil.

O argumento — da excepção na America, é mero sentimentalismo, mas sentimentalismo de imaginação, e que se poderia chamar pelo nome que o Sr. Romero deu a uma escola de poetas — *condorismo* politico. A esse falso sentimentalismo litterario, a esse plagiario Americano, devemos oppor outro sentimentalismo natural, vivo, verdadeiro: o Brazilirismo.

OS PROPHETAS DA NACIONALIDADE.

A historia chamou aos conjurados mineiros os Inconfidentes, eu receio que em vez d'aquelle altivo nome ella dê aos conjurados de 15 de Novembro o de Inconscientes.

Diz-se que o 13 de Maio foi a *Journée des Dupes* da monarchia, a qual não viu por entre o entusiasmo superficial que ella tinha n'esse dia jogado e perdido o throno. E' certo que ao lado do unanime—"Não valeu a pena," que a Princeza Redemptora hoje ouve em toda parte quando se trata da abolição, ella não chega a escutar o—"Nós teriamos esperado ainda!" que lhe manda do Brazil a raça negra. *Journée des dupes*, porem, não da dynastia, mas da nacionalidade, eu receio que fique sendo o 15 de Novembro.

Para mim pelo menos, os Grandes Prophetas Nacionaes estão no passado, nas gerações mais fortes, mais nobres, e mais Brasileiras, de 1822, de 1831, de 1840; chamavam se José Bonifacio, Evaristo, Feijó, Antonio Carlos. Esses foram as nossas grandes columnas historicas, os fundadores da escola de estadistas que fez do Brazil durante quasi um seculo a *excepção*, sim, da America Latina, mas excepção de liberdade, de tolerancia e de patriotismo impessoal.

Nos homens de 15 de Novembro, os quaes têm a pretensão de fazer datar de um Pronunciamento que inaugurou a epoca do Flibusterismo a apparição e a regeneração moral de nossa patria, eu não vejo senão a fatuidade com que os Inconscientes estão sempre promptos a refazer a seu modo as obras originaes da humanidade.

A FÉ DE OFFICIO DO REINADO.

Desde que me tenho tanto referido á causa monarchica deixai-me pagar um tributo ao seu augusto representante n'um momento em que manifestar-lhe sympathy e veneração é um dever dos Brasileiros para com a patria.

Com effeito hoje que a Republica revogou as suas leis de banimento é preciso notar a singularidade de ter sido exceptuado da benevolencia republicana o Imperador. Aos que têm o coração abolicionista é inutil fallar tambem da proscriptão e, ultimamente, da espoliação da Princeza. Esta pôde appellar para o paiz, certa de que eternamente a raça negra em miriades de milhões bendirá no dia 13 de Maio o seu nome com a fidelidade com que os Israelitas no mundo inteiro abençoam ainda hoje na festa dos Purim a memoria de sua redemptora. O Imperador porem não tem mais deante de si o futuro, tem só o passado, e por isso quero mostrar, como eu supponho que a historia ha de vel-a, a antithese desse banimento com o reinado de que elle será a verdadeira corõa.

Trata-se de um homem cuja voz durante cincoenta annos foi sempre em conselho de ministros a expressão da tolerancia, da imparcialidade, do bem publico, contra as exigencias implacaveis e as necessidades ás vezes immoraes da politica. Se chefes de partido disseram que com elle não se podia ser ministro duas vezes foi porque elle os impediu de esmagar o adversario prostrado. Elle se esforçou dia por dia sem desanimar para que os partidos excluisssem da *partilha dos despojos*, na phrase Americana, os grandes serviços publicos alheios á confiança politica, como o exercito e a marinha, a magistratura e a policia, o culto e a instrucção. Elle pôde dizer com toda a verdade ao Sr. Saraiva, alludindo ao programma do liberalismo adiantado e insistindo com esse estadista para aceitar o poder: "O senhor sabe que eu nunca fui um embarço a nenhuma reforma desejada pela nação." A lista das suas intervenções pessoases no desenvolvimento de nossa civilização de 1840 a 1889 poderia quasi ser feita pelo numero dos dias decorridos. De todo esse longo periodo o seu character sahiria mais illeso da arguição de patronato, favoritismo, ou causa propria, do que o de qualquer dos homens da republica dias apenas depois de sua posse.

Na questão da abolição, nem por instincto nem por impulso, por ser um Conservador e não um Creador, elle teria nunca feito o que fez sua filha; o que o impedia porem de um grande lance heroico, não era o amor do throno, mas a convicção de que a monarchia era necessaria ao povo Brasileiro, e de que abalal-a no momento de fazer uma grande reforma equivalia a inutilizar a unica força que podia obstar a reacção. A verdade é que á Princeza só coube abreviar de tres a quatro annos no maximo a liberdade da ultima serie de escravos, ao passo que o Imperador reduziu o prazo da escravidão de seculos que era a esses tres ou quatro annos de agonia. A grandeza do sacrificio da filha augmenta em vez de diminuir, reflectindo-se que foi feito para poupar, não cyclos, porem mezes, e por ultimo até horas de captiveiro, a uma raça que já se via livre, mas isso mesmo prova os grandes resultados do reinado do pai.

O que porem será julgado o traço principal d'esse character de principe é uma tolerancia inquebrantavel, á prova de todas as tentações e de todos os gravames pessoases, e que por todos os titulos merece o nome de magnanimidade.

O Imperador errou de certo muitas vezes ao julgar os homens, e pôde se dizer mesmo que transigiu com os vícios e as fraquezas dos partidos, escolhendo em diversas ocasiões os menos dignos, mas fel-o depois de apontar aos ministros que a responsabilidade era d'elles e fel-o em escala infima relativamente á massa de corrupção que inutilizou com a sua resistencia.

Sómente para elle é que as opposições appellavam das perseguições do poder.

A historia do movimento republicano é a sua justificação. Não só elle nunca tentou a virtude dos republicanos, como tambem não consentiu, ainda quando o appello revolucionario era feito directamente á força armada, que se limitasse a liberdade absoluta dos ataques contra o throno. Nada abalava as duas idéas do Imperador: de que não se devia tocar na imprensa, e de que as opiniões republicanas não inhabilitavam nenhum cidadão para os cargos que a Constituição fizera só depender do merito.

Elle deu á opinião um salvo-conducto para penetrar incolume por toda a parte, porque era do seu interesse que não houvesse na administração segredos para o paiz nem elle precisou nunca do voto das camaras para legitimar alguma vantagem que tivesse conferido a si mesmo.

Se o Sr. Saraiva teve a sua confiança foi que elle levou todo o seu reinado a reclamar pureza nas eleições e a impugnar as candidaturas forçadas, e pensava só ter conseguido formar aquelle discipulo.

Se a sua indulgencia foi inexgotavel, o seu desinteresse foi absoluto. Depois de um governo em que poderia ter facilmente accumulado uma fortuna colossal, se não tivesse em si a consciencia nacional incarnada, o Imperador só trouxe dividas para o desterro. Nem faz honra ao Governo Provisorio ter accusado esse homem, que fundou o credito nacional e defendeu incorruptivel o patrimonio publico durante meio seculo, de ter acceito no Brazil "a liberalidade" do Governo para depois rejeital-a na Europa por suggestão de outros. Essa tentativa sinistra para fazer baquear em ponto de desinteresse a reputação de Dom Pedro II será frustrada perante a historia pelo testemunho de uma nação inteira. Em uma epoca em que as idéas as mais puras são pesadas nas balanças da corretagem administrativa, e em que não ha aspiração nacional ou necessidade publica de qualquer ordem que não tenha a sua cotação na praça, a tradição que o Imperador deixa deve ser conservada como uma reliquia nacional. Ella pode ser um amuleto contra as "*economias*" republicanas que causam a bancarrota de tantos paizes.

Sabe bem d'isso o povo, o qual durante cincoenta annos o encontrou de pé na galeria de S. Christovão ou no Paço da Cidade, ouvindo a todos, sem enganar a ninguem, superior ao resentimento, fazendo uma unica propaganda: a do renome do Brazil; mostrando uma só aspiração: a de ver os Brasileiros de todas as opiniões formarem um só familia, e para isso tolerantes, complacentes e justos, uns com os outros. A sua porta esteve sempre mais franca do que qualquer outra no paiz, e quando se deixava de tratar com elle para fallar aos poderosos todos sentiam que a vaidade da posição começava abaixo do throno.

Representar um papel d'estes durante meio seculo sem sinceridade teria sido o maior dos disfarces da historia, mas ainda assim provaria a superioridade moral do actor que escolhesse uma tal caracterisação. A sua personalidade, porém, foi posta á prova da ingratição e do exilio, e mostrou-se igual a si mesma. De seus labios ainda não partiu uma queixa contra aquelles mesmos que elle elevou para o derribarem na sua velhice, e elle não parece lembrar-se que tenha sido em sua terra senão um Brasileiro como os outros. Não protestou até hoje contra o 15 de Novembro, porque o Brazil não era d'elle, elle é que era e é do Brazil.

Para julgar esse reinado de cincoenta annos basta dizer que a revolução não articulou contra o soberano deposto uma só queixa, e compareceu deante d'elle somente com desculpas. O proprio partido republicano tinha solemnemente annuciado um armisticio enquanto elle vivesse e declarado guerra sómente ao seu successor. Semelhante singularidade na historia das revoluções dispensa qualquer commentario. Depois d'ella o nome do Imperador pode ser riscado pelos *parvenus* do despotismo, das ruas e praças, e até dos monumentos e institutos devidos aos seus esforços e iniciativa, como o de um tyranno cuja memoria se quizesse apagar.

O que ha porem de mais tocante na sorte de Dom Pedro II é ter sido elle assim tratado pelo exercito, elle o unico verdadeiro amigo que o exercito teve em nossa politica.

As nossas campanhas só elle as sabia de cór, pagina por pagina, quasi nome por nome. Não houve um Voluntario da Patria que não devesse a elle exclusivamente o cumprimento da promessa nacional feita durante a guerra. Não houve um official de merito, de terra ou de mar, que não lhe devesse o palladio mysterioso que protegeu a sua carreira.

O seu apego ao territorio e ao prestigio do Brazil fel-o passar por vezes no Rio da Prata como um vizinho incerto, mas não houve mais sincero amigo da paz.

Elle foi "o mais tenaz, o mais dedicado e talvez o mais prudente dos campeões da desaffronta nacional," disse o Sr. Saraiva, e o mesmo estadista accrescentou, explicando as guerras libertadoras do reinado: "Fizeñhos, defendendo nossos direitos, a liberdade no exterior; Monte-Caseros, Paysandú e Aquidaban, exprimem tres tyrannias baqueadas."

O Imperio deixou terminada a questão dos limites com a Republica Argentina pelo arbitramento dos Estados Unidos, a mais democratica e Americana de todas as soluções possiveis. Se o Imperador não a resolveu pela partilha foi pela repugnancia que tinha de transigir com territorios que sempre teve por tão legitimamente nossos como o Porto-Seguro de Cabral ou o Rio de Janeiro de Vespucio.

E'uma das decepções da historia que a esse homem que durante os cinco annos da guerra do Paraguay foi a personificação do exercito e da armada nacional, e a quem os nossos generaes e soldados feridos levantavam o seu ultimo *Viva*, symbolico da immortalidade da patria, um governo militar prohibisse possuir uns miseraveis bens na terra que seu Pae deu um reino para tornar independente, que elle fez livre e una, e onde sua Filha apagou as ultimas divisas do captiveiro.

Não ha melhor prova de que a revolução de 15 de Novembro não foi a revolução do soldado nem do marinheiro. Se o movimento interpretasse a alma popular da fileira, um *referendum* unanime teria ha muito revogado esse acto de ingratição.

Eu receio muito, meus caros comprovincianos, que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o tumulo emprestado ao ultimo representante da nossa monarchia, se reconheça que elle foi sepultado, á moda dos heroes antigos, com o que mais caro lhe fôra em vida: a liberdade e a unidade do seu paiz.

Uma vez mais vos renovo meus profundos e humildes agradecimentos.

JOAQUIM NABUCO.

LONDRES, 1º de Janeiro de 1891.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).